

Índice

Fórmulas criativas para o cuidado dos idosos.....	1
Liberdade religiosa na era Trump.....	2
A dependência do trabalho.....	3
“Hazlo tan bien que no puedan ignorarte”	4

Fórmulas criativas para o cuidado dos idosos

O recente [recuo eleitoral de Theresa May](#) e a necessidade de conseguir apoios para governar, fizeram baixar um pouco a tensão gerada pelo anúncio de uma reforma drástica no modelo de ajudas públicas para os cuidados a ter com os idosos.

O ironicamente denominado “imposto sobre a demência”, com o qual May pretendia corrigir a falta de fundos para o cuidado com os idosos, vai ser substituído por medidas consensualizadas mais suaves, às quais se irão acrescentar iniciativas sociais, como as micro-empresas que vários municípios contrataram para compensar a falta de empresas no setor. Somente no condado de Somerset, de meio milhão de habitantes, foram criadas 173 empresas sociais desde novembro de 2014, com as quais se atenderam 700 idosos nas suas próprias casas.

As microempresas surgiram graças à ação conjunta de municípios e organizações sem fins lucrativos e foram implementadas de modo a evitar a transferência de muitos idosos da zona para residências devido à falta de ajuda ao domicílio. Em Somerset, por exemplo, o impulso começou com a Community Catalyst (CC), uma empresa social que procura soluções no âmbito da saúde e do bem-estar, e já trabalhou noutras cinquenta zonas do país.

Com a sua ajuda, profissionais provenientes de outros setores ou desempregados montaram as suas próprias micro-empresas e deram-se a conhecer entre médicos e assistentes sociais da zona. “É a primeira vez na minha vida que não me

custa ir trabalhar nem me esperam cem mensagens quando chego ao escritório”, [diz ao](#) “The Guardian”, Yet Dutton, uma profissional que trabalhou em serviços financeiros durante trinta anos e agora dedica seis dias por semana a limpar, lavar, fazer as compras e cozinhar para os seus clientes.

Em Somerset, a Community Catalyst conta com um orçamento de 85 000 euros do município e dos fundos do Serviço Nacional de Saúde (NHS) e conseguiu recrutar 220 trabalhadores do condado no setor dos cuidados domésticos. Ao município sai mais barato, pois ganham o equivalente a 11-17 euros por hora, 4,50 euros a menos que os trabalhadores das grandes empresas, o significa uma poupança anual de 454 000 euros, segundo refere o “The Guardian”.

Outra vantagem das microempresas é que mantêm um padrão de qualidade elevado. Como dependem da recomendação pessoal para se darem a conhecer, “o nível do serviço que prestam é realmente alto. Se fizerem o trabalho mal, isso é conhecido rapidamente e não é fácil que recuperem a sua reputação”, salienta Stephen Chandler, diretor dos Serviços Sociais para Adultos de Somerset.

Juntamente com Dutton, foram criadas em Somerset microempresas de serviços domésticos por pessoas com outros perfis, a maioria sem formação relevante neste âmbito: um empregado bancário, um fotógrafo ou simplesmente uma mãe desejando ganhar algum dinheiro adicional. O que têm em comum é o seu caráter empreendedor e o terem estado ao alcance de um recrutador local, como explica o coordenador da CC em Somerset. “O meu papel é servir de *broker* entre os que têm ideias e querem oferecer alguma coisa à sua comunidade local, e o grupo de pessoas que também

necessita de alguma ajuda no mesmo âmbito”, salienta Rhys Davies.

O problema que a Grã-Bretanha enfrenta, parte do difícil equilíbrio de contar com duas vias de ajuda para cobrir a despesa social dos idosos: os municípios e o NHS (Serviço Nacional de Saúde). A crise foi esgotando os fundos sociais que os primeiros anualmente dispunham para contratar empresas e, com preços baixos, as grandes empresas perderam todo o interesse. Por terem sido suspensos os cuidados ao domicílio em várias zonas do país, os idosos tiveram de permanecer nos hospitais mais tempo devido a intervenções leves ou quedas, bloqueando as camas do NHS e criando um problema económico maior.

Atualmente, o Estado paga os custos sociais aos idosos com propriedades avaliadas em menos de 23 250 libras (26 400 euros) e, pelo contrário, os proprietários de casas avaliadas acima desse limite pagam do seu bolso. Para os que vivem em residências públicas, o limite inclui o valor da sua casa; se os idosos não são transferidos e recebem os cuidados nos seus domicílios, conservam a propriedade e ela pode ser herdada pelos seus filhos.

Numa tentativa de racionalizar o sistema, Theresa May lançou no seu programa anterior às eleições de junho a ideia de elevar o limite do valor das casas para 100 000 libras (113 500 euros), mas incluindo simultaneamente a obrigatoriedade de vender a casa ao Estado, tanto dos que eram transferidos para residências, como dos que ficavam nos seus domicílios.

Apesar de May não ter fixado a data desta venda da casa e ter proposto respeitá-la para o cônjuge enquanto vivesse, a medida foi muito criticada por grande parte dos seus votantes idosos. Como [explicava](#) o “The Wall Street Journal”, os críticos salientaram a inequidade de pretender manter “um sistema de cuidados sociais autofinanciado pelo utente e ao mesmo tempo um sistema de saúde público, pago com os impostos de todos”.

O sistema britânico atende atualmente cerca de um milhão de pessoas idosas, número que poderia duplicar no prazo de dez anos, segundo as estimativas do Tesouro. O problema, que em março envolveu uma injeção urgente de mil milhões de libras (1135 milhões de euros) e a promessa de um número igual ao longo dos três próximos anos, vai exigir ainda muita negociação política e fórmulas criativas, depois do que foi classificado como o primeiro grande passo em falso dos conservadores.

M. A. B.

Liberdade religiosa na era Trump

A Igreja católica nos Estados Unidos convocou pelo sexto ano consecutivo a Quinzena da Liberdade (21 de junho – 4 de julho), uma iniciativa em defesa da liberdade religiosa que surgiu em resposta a algumas medidas adotadas pela Administração Obama. Com a chegada de Trump à Casa Branca, os bispos não quiseram interromper a convocatória. O lema deste ano, “Liberdade para a missão”, recorda ao novo presidente a independência de que necessita a Igreja católica para levar a cabo as suas atividades de assistência.

Desde 2012, ano da [primeira convocatória](#), o objetivo da campanha foi sempre o mesmo: denunciar as medidas do governo federal (e outras de âmbito estadual e local) que impedem as pessoas e as instituições religiosas de trabalhar pelo bem comum de acordo com as suas crenças. Mas Trump não é Obama. Por isso, o foco da Quinzena mudou: se antes insistia em temas como o casamento, a educação ou a saúde, agora insiste na imigração.

Na presidência de Obama, o intervencionismo do Estado em temas morais ficou patente com o “mandato anticoncepcional”, a norma do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos EUA que obriga os empregadores a incluir nos seguros de saúde das suas empregadas a cobertura de anticoncepcionais, pílulas abortivas e a esterilização.

Na mesma linha, existem as [normas](#) que, escudando-se na luta contra a discriminação, obrigam as agências de adoção que querem colocar as crianças aos cuidados de uma mãe e de um pai, a aceitarem como adotantes os casais homossexuais; e as que obrigam os pequenos empresários (floristas, pasteleiros, fotógrafos...), a prestar os seus serviços em casamentos *gay*, mesmo que não queiram por motivos de consciência e embora haja outros dispostos a fazê-lo.

Outras restrições foram adotadas no âmbito educativo – polémicas em torno da contratação de professores, os programas de educação sexual e as [“casas de banho trans”](#); no plano da saúde, sobretudo devido ao facto de Obama [ter eliminado em 2011](#) as garantias estabelecidas por Bush para proteger a liberdade de consciência dos profissionais de saúde.

Com Trump, algumas destas restrições estão em vias de desaparecer. O passo mais significativo que até agora deu o presidente republicano, foi a assinatura, a 4 de maio, de uma [ordem executiva](#) “para promover a liberdade de expressão e a liberdade religiosa”.

O decreto inclui três disposições ainda por desenvolver. A primeira, mais simbólica, [permite às Igrejas pronunciar-se](#) sobre “assuntos morais ou políticos numa perspetiva religiosa”, sem receio de que o Estado lhes retire as isenções fiscais reservadas às entidades sem fins lucrativos e não partidárias.

A segunda ordena a vários departamentos que reformem o “mandato anticoncepcional” para que contemple a objeção de consciência, [tal como exigiu](#) o Supremo Tribunal em maio de 2016 (caso “Zubik v. Burwell”, relativo às Irmãs Pobres e outras organizações). Anteriormente, em julho de 2014, o Supremo tinha [sentenciado](#) que as empresas familiares podiam opor-se ao “mandato anticoncepcional”, por impor aos seus donos uma carga excessiva ao livre exercício da religião (caso “Burwell v. Hobby Lobby Stores, Inc.”).

A terceira disposição pede ao procurador geral “que elabore um guia para interpretar as garantias à liberdade religiosa na lei federal”. Embora nada seja esclarecido sobre o conteúdo deste guia, parece – pelo contexto da ordem – que poderiam ser diretrizes para permitir o ajuste entre crenças e leis controversas.

A Quinzena da Liberdade mantém estes temas, à espera que se resolvam de modo satisfatório. Além disso, insiste noutros pontos fracos na presidência de Trump. Embora na campanha de 2012 os bispos [já tenham denunciado](#) as leis migratórias restritivas de vários estados (a mais dura era [a do Alabama](#), governado pelos republicanos, que proibia dar trabalho, alugar uma casa ou transportar um imigrante ilegal), agora este ponto é uma prioridade.

Os bispos [recordam](#) o trabalho que a Igreja católica desenvolve nesse país para acolher os refugiados e imigrantes. Por isso, protestam contra as normas que “restringem a capacidade de serviço da Igreja” aos deslocados. Inclua-se aqui – embora não o mencionem de forma expressa – o [decreto que foi assinado](#) por Trump a 25 de janeiro para retirar os fundos federais às cidades que deem facilidades aos imigrantes que entraram no país de forma ilegal.

Denunciam igualmente o empenho “do novo governo federal de reduzir drasticamente o número de refugiados admitidos nos EUA e a suspensão do acolhimento aos refugiados provenientes de países onde muitas pessoas sofrem perseguição violenta”, aludindo a outro decreto assinado dois dias depois.

Outra novidade desta Quinzena é a publicação de um guia que ensina [como falar sobre a liberdade religiosa](#) “nestes tempos de crescente polarização”. Embora o rancor partidário venha de trás, talvez os bispos tenham em mente que o estilo bélico de Trump pode obscurecer o sentido das medidas que tomou a favor da liberdade religiosa. O objetivo do guia é esclarecer a compreensão deste direito fundamental “de uma forma que respeite todas as pessoas”.

Assim, os bispos enfrentam as críticas dos que receiam que as garantias à liberdade religiosa sejam aproveitadas para “discriminar”. O seu argumento é que, numa sociedade verdadeiramente pluralista, existe espaço suficiente para resolver os conflitos de interesses sem violar a liberdade de ninguém. É o mesmo argumento que utilizou o Supremo na sua sentença sobre Hobby Lobby, ao reconhecer que o

governo de Obama tinha outros meios ao seu alcance para garantir o livre acesso aos anticoncepcionais.

Com a sua determinação de manter a Quinzena, os bispos deram mostras de que não aderem a nenhuma Administração. Além disso, o tom moderado com que apresentam as suas preocupações, é um exemplo do que constitui uma crítica razoável – isto é, baseada em razões e não no descrédito em bloco e por princípio – a um presidente a quem [também estenderam a mão](#) nalguns assuntos, o mesmo que [fizeram com Obama](#).

J. M.

A dependência do trabalho

A dependência do trabalho não garante o sucesso pessoal nem a eficácia do sistema.

A experiência histórica ensina que à medida que uma economia se desenvolve, trabalham-se menos horas enquanto a produtividade por hora trabalhada sobe. Faz-se mais com menos. Se verificarmos as horas anuais trabalhadas nos países da OCDE, com dados de 2015, os trabalhadores do México (2246 horas) e Costa Rica (2230 horas) são os que mais tempo laboram. No extremo oposto, destacam-se países mais desenvolvidos: os alemães são os que trabalham menos horas por ano (1371), seguidos pelos holandeses (1419) e pelos noruegueses (1424), enquanto que a média da OCDE é de 1766 horas.

Um sinal de economia avançada é também a crescente preocupação em conciliar trabalho e família, de maneira a que a atividade laboral não absorva todas as energias e preocupações da pessoa. Todavia, um sítio onde esta tendência não está presente é Silicon Valley, para cuja região muitas vezes se olha de modo a vislumbrar como será o futuro. Aí a jornada laboral interminável parece o normal e o correto. Como diz uma camisa que se tornou popular, [“9 to 5 is for the weak”](#). Aquilo que noutros países é uma aspiração, ali é para os fracos, para os que não aspiram a triunfar, para os trabalhadores acomodados candidatos ao despedimento.

Se se quiser lançar uma *start-up*, deve-se estar disposto a sacrificar tudo ao altar do trabalho: família (se houver tempo para a criar), férias, *hobbies*, amizades, lazer. Se queremos demonstrar que somos trabalhadores comprometidos com a empresa, a nossa jornada laboral terminará quando não pudermos mais. Não é preciso ninguém que nos imponha isso. A cultura da empresa e a pressão psicológica são sufi-

cientes, como destacou uma [reportagem efetuada pelo "The New York Times"](#) no caso da Amazon.

Valerá realmente a pena? A realidade é que a grande maioria das *start-ups* fracassam, por muito trabalho que nelas esteja envolvido. Daí que, como os investidores avisados, seria mais prudente não apostar tudo na carta do trabalho, mas repartir as energias e procurar igualmente rendimentos de felicidade na família, nas amizades, nos empenhamentos de índole social...

Faz sempre falta trabalhar duramente para se destacar profissionalmente. Mas o elogio do *workaholic* que se prega em Silicon Valley tem o seu custo humano. No Japão, as [mortes por karoshi](#) – excesso de trabalho – foram estudadas no ano passado por uma comissão oficial, que atribuiu ao *stress* laboral 2150 suicídios num ano. O ambiente de entrega sem reservas ao trabalho, vigente em muitas empresas, pode ser tóxico para alguns empregados.

Mas sem chegar a esses extremos, pelo caminho rumo ao sucesso profissional podem ir ficando vítimas colaterais, na forma de casamentos fracassados, filhos ignorados, saúde deteriorada ou princípios atraíçoados. O problema, como escreveu Joe Keohane, "é que o trabalho monopolizou de tal forma as nossas vidas, que cada vez temos menos oportunidades de encontrar um sentido para o que fazemos fora do escritório".

Paradoxalmente, a dependência do trabalho nalguns modelos capitalistas aparenta-se ao stakhanovismo nascido nos anos trinta na Rússia soviética. Em Silicon Valley, o modelo é o empreendedor ambicioso que se ergue sobre a concorrência, que trabalha quantas mais horas melhor e que pretende mudar o mundo; na URSS, o herói stakhanovista era o operário capaz de produzir mais do que ninguém; em nome da emulação socialista, os trabalhadores deveriam competir entre si para elevar a produtividade e ser proclamados como modelos.

Apesar dos êxitos iniciais, o stakhanovismo não serviu para criar um clima de trabalho que insuflasse dinamismo na economia socialista, na qual um dos pontos fracos foi sempre a baixa produtividade. O herói do trabalho serve de pouco quando é o próprio sistema aquilo que falha.

Também nos deveríamos interrogar se pode ter a ver com sucesso um modelo capitalista baseado num homem unidimensional, para quem o trabalho é tudo.

I. A.

"Hazlo tan bien que no puedan ignorarte"

"So Good They Can't Ignore You. Why Skills Trump Passion in the Quest for Work You Love"

Autor: Carl Newport
Asertos. Madrid (2017).
240 págs.
Tradução (castelhano):
Diego Pereda.

Malcom Gladwell popularizou no seu livro "[Fueras de serie](#)" uma tese conhecida em psicologia desde que o sueco K.A. Ericsson publicou a sua investigação sobre o aperfeiçoamento das competências: o talento não nasce, faz-se e, concretamente, pode-se desenvolver qualquer destreza com um treino intenso e inteligente e, sobretudo, que se torne desafiador para a capacidade de quem o pratique. A conclusão é discutível – e há quem a ponha em dúvida –, mas, pelo menos, é instrutiva numa altura em que proliferam textos que explicam como alcançar o sucesso quase sem esforço.

Neste ensaio, expõe-se toda uma filosofia sobre o desenvolvimento profissional e pessoal. Abundam os conselhos e as recomendações, mas nenhuma delas será cómoda para o leitor. A pretensão do autor é desmontar o mito sobre o qual muitos jovens decidem as suas carreiras profissionais: "segue a tua paixão", "dedica-te àquilo de que gostas" é um conselho fatal que, em muitos casos, pode levar ao fracasso e à insatisfação. A paixão, explica, nasce após um esforço sustentado, uma preparação dura e um constante processo de superação.

Em face de tanta literatura sobre *coaching* repleta de facilidades, Newport esclarece que para alcançar o sucesso, se tem de aprender mais com a ascética dedicação do artesão que trabalha silenciosamente na sua oficina, do que com o brilho engenhoso dos moradores de Silicon Valley. O amor pela tarefa quotidiana, o cuidado pelos pormenores, a perseverança em se superar todos os dias é o que dá sentido ao trabalho e o converte numa via para o desenvolvimento pessoal.

Este jovem e professor de informática de sucesso em Georgetown, sabe que as tentações que enfrentam os que acedem ao mercado laboral, após anos de preparação e de ouvir repetidamente que "têm de ser os melhores", são muitas e variadas. Mas procura esclarecer que, apesar do que se promove nas redes sociais, os verdadeiros triunfadores sempre se esforçaram mais do que os restantes. Por isso, encoraja os jovens a não enveredar pelo caminho fácil, mas treinar uma competência indispensável no trabalho a que querem dedicar-se. Quer mostrar-lhes o que diz o subtítulo da

obra: "Porquê ser competente interessa mais do que a paixão para alcançar o trabalho dos teus sonhos".

Newport explica como desenhar uma carreira profissional para que seja satisfatória a longo prazo e conduza simultaneamente a uma melhoria pessoal. É, neste sentido, exaustivo, mas a lição que se extrai do livro pode-se resumir numa única frase: só te faz crescer aquilo que te custa. É esse o segredo: continuar a empenhar-se em fazer melhor as coisas apesar do cansaço ou das dificuldades.

É exemplar a atitude do próprio Newport: apesar do sucesso do seu blogue ("Study Hacks") e dos seus livros, não tem conta no Twitter nem perfil no Facebook. Para ser bom numa profissão, explica, devemos centrar-nos no que traz valor, e não no acessório e no superficial. No seu último ensaio, "Deep Work", defende que na idade das distrações, aumentará o valor dos que saibam manter-se concentrados e capazes de uma reflexão profunda. Esta fresca e animada defesa da austeridade, da fortaleza e do foco no progresso pessoal merece francamente a pena.

J. M. C.

